

# DANÇA DA MÍDIA EM BELÍNDIA: SEDUÇÃO DO MODERNO EM BAILE DE DEPENDÊNCIA

Omar Souki OLIVEIRA

UFMG

## POETAS DA COMUNICAÇÃO

O gosto amargo deixado pelo caso de amor que mantemos com a modernização não é um privilégio de países dependentes. Até mesmo nos Estados Unidos já se questiona a utilidade de se formarem técnicos na universidade. O ensino profissionalizante poderá facilitar o acesso do recém formado ao mercado de trabalho, mas não cumpre a meta do ensino universitário. O objetivo último dessa instituição deveria ser ensinar a pensar, a viver e, antes de tudo, propiciar um ambiente onde possa florescer a prática da crítica, do diálogo e da comunhão. Inconformado com o tecnicismo das universidades norte-americanas, Allan Bloom, escreveu O declínio da cultura ocidental (1989, p. 380), onde diz que o ensino ideal

... exige uma mudança radical de toda a vida do aluno, pois o que ele aprende afetará seu modo de agir, os gostos, as preferências, de tal forma que nenhum sentimento ficará imune ao exame e, daí, à reavaliação. Põe tudo em cheque e exige dos alunos que sejam capazes de tudo arriscar.

Será que estamos prontos para isto? Será que exigimos mudanças profundas de nós mesmos e de nossos alunos? Será que somos capazes de tudo arriscar? Ou preferimos sucumbir à sedução do moderno?

Fritjof Capra, em sua monumental obra *O ponto de mutação* diz que o governo de Lyndon Johnson nos Estados Unidos recorreu a físicos teóricos para pedir conselhos a respeito da guerra no Vietnã. Assim procedeu, não porque os físicos fossem especialistas em estratégias militares, mas por serem considerados detentores do "conhecimento supremo". Hoje, sem a menor sombra de dúvida, podemos dizer que, se ele tivesse procurado o conselho de poetas, teria sido muito mais bem servido (Capra 1988, p. 37). O mesmo com a guerra do Golfo. A carnificina jamais teria ocorrido, caso o presidente George Bush tivesse seguido o conselho de um grupo de intelectuais líricos. Infelizmente, isto é extremamente improvável.

Da mesma forma é improvável que tenhamos como objetivo nas escolas de comunicação a produção de poesia. Mas nem por isto devemos furtar-nos a esse compromisso com a humanidade. Não, muito pelo contrário, nossa realidade tem sido historicamente transformada por nossos sonhos. É preciso sonhar, e acreditar que num futuro, mesmo que distante, esta utopia se torne realidade. Faz-se necessária esta abordagem para que prossigamos nosso trabalho de conscientização das mentes jovens, pois o embate com o mundo real é cada vez mais traumático.

Nossos formandos são lançados num mercado de trabalho que se reduz à medida que a renda se concentra nas mãos de minorias abastadas. Há apenas cinco anos, baseado nas pesquisas de Celso Furtado, eu comentava com meus alunos que o poder de compra do brasileiro médio era dez vezes inferior ao do europeu ou do norte-americano (Furtado 1982). Hoje, vergados sob o peso moral da dívida externa, ganhamos 20 vezes menos que os habitantes dos países industrializados do Norte (Jaguaribe et alii 1989). Este empobrecimento geral é diretamente responsável pelas 650 crianças que morrem de fome todos os dias e pelos mais de 7 milhões de menores abandonados nas ruas de nosso país (Oliveira 1990, pp. 1-3).

No Norte do planeta os problemas são de outra ordem, mas nem por isto menos devastadores. A poluição ambiental

provocada pela indústria e pelo excesso de automóveis nos ameaça a todos. O efeito estufa aumentará a temperatura média da terra em aproximadamente 4 graus centígrados até o ano 2030. Este aquecimento exagerado causará o derretimento dos polos e grandes cidades, tanto no Norte como no Sul do planeta como o Rio de Janeiro, São Francisco e Honk Kong estarão fadadas a desaparecer sob as águas. Na mesma época estarão totalmente exauridas as reservas de combustíveis fósseis, tais como o petróleo, o gás natural e o carvão natural (McKibben 1990).

Para Fritjof Capra (1988) estes problemas tem origem numa visão de mundo que privilegia o pensamento lógico sob a égide do patriarcado. Para ele porém, a derrocada do patriarcado parece eminente e o movimento feminista se apresenta como uma das mais fortes manifestações culturais de nossa era. Como última esperança para nossa salvação, Christopher Lasch (1986), no **Mínimo eu**, sugere que a mulher tome em suas mãos o gerenciamento da Mãe Terra. Segundo Lasch, os valores patriarcais predominantes na civilização ocidental incluem a agressividade, o militarismo, a combatividade, o culto da dureza, e a crença ilimitada no pensamento lógico. Mas vão muito além. A destrutividade dos homens se origina do sonho de ficar totalmente independente das mulheres, de criar a vida sem a colaboração delas (Lash 1986).

A agressão à natureza com conseqüências imprevisíveis para o ser humano faz parte de uma visão de mundo newtoniana e patriarcal. Dentro deste contexto são os homens que gerenciam a espaçonave chamada Terra, não com o coração mas com a razão. Há um número absolutamente desproporcional de homens em posições de mando, em quase todas hierarquias, na quase totalidade de instituições. Olhem nas redações de jornais e revistas, nos estúdios de televisão e rádio. Quem são os editores do que vemos e lemos? Enfim, ninguém contesta o fato de que os homens que mandam, e a predominância do racional sobre o emocional parece precipitar as atuais calamidades sociais e ecológicas.

Ao contrário das sociedades primitivas e matriarcais, as civilizações recentes fazem do indivíduo o objeto da graça, de eleição, de imortalidade e de sobrevivência. Esta sociedade atual, calcada na propriedade privada, aposta no desenvolvimento, egoísta do indivíduo, colocando-o acima dos interesses do grupo e em antagonismo com a própria comunidade dos seres humanos.

Os traços masculinos, que anteriormente asseguravam a sobrevivência, se não forem equilibrados pelas características femininas, poderão agora garantir o extermínio da espécie. E esta cultura e idolatria do industrialismo e do individualismo atingiu o seu ponto mais absurdo com o estupro tecnológico do Vietnam e mais recentemente com o assalto ao Golfo Pérsico.

Este individualismo exacerbado, que nos coloca em contraposição com os nossos semelhantes e com a própria natureza deve dar lugar a um novo sentido de solidariedade humana: a consciência do futuro, a consciência feminina, a qual rejeita o individualismo, a separação, o pensamento linear e a visão newtoniana do mundo. É preciso reconhecer os limites do pensamento racional e começar a atuar mais com o coração e a sensibilidade das mulheres e dos poetas. Dentro desta nova cosmovisão o sistema ecológico em sua totalidade é considerado mais importante que os organismos individuais que o constituem.

A velha psicologia centrada no ego deverá ceder lugar a uma psicologia holística que vê o eu como parte de um continuum ecológico, num vasto plano universal, e não como uma finalidade em si mesmo. Usando as palavras de Capra,

a espiritualidade feminista terá uma influência profunda tanto sobre a religião e a filosofia, como sobre nossa vida social e política. Uma das contribuições mais radicais que os homens podem oferecer para o desenvolvimento da consciência feminista coletiva será envolverem-se plenamente na criação dos filhos desde o momento do nascimento, para que eles possam crescer com a

experiência do potencial humano total que é inerente às, mulheres e aos homens (Capra 1988, p. 407).

A utopia da comunhão, e da necessidade de se formar um novo ser humano, também se encontra no pensamento de Rose Marie Muraro (1991). Ela afirma que

A partilha, e não mais a separação entre homens e mulheres, faria -finalmente- as sexualidades feminina e masculina convergentes e não mais divergentes. A guerra surda que se trava entre o homem e a mulher, e que é fruto de uma sociedade patriarcal e de classes, teria um término (Muraro 1991, pp. 257-258).

Mais ainda, esta integração entre homens e mulheres levaria a uma reintegração com a natureza, acelerando a transformação do mundo, "não mais no sentido sublimatório, mas no sentido erótico" (Muraro 1991, p. 258). A concretização deste processo é absolutamente necessária, caso contrário o colapso da nossa civilização será inevitável.

Dá ser urgente a formação de profissionais de mídia que possam entender a comunicação como um processo de comunhão. Nas palavras de Onésimo Cardoso (1991, p. 30):

Para se compreender, hoje, os fenômenos culturais é necessário penetrar, de maneira dinâmica e criativa, num universo heterogêneo, no qual os grupos sociais expressam suas particularidades com simbolismos e imagens próprias.

Para tal devemos despertar em nossos estudantes habilidades próprias dos poetas, isto é, o compromisso ético, o gosto estético, a compreensão cultural e a capacidade de integrar-se com o mundo a sua volta. É necessário concentrar forças para formar profissionais capazes de refletir os anelos mais íntimos da comunidade dentro da qual atuam. Em síntese, é preciso despertar em nossos alunos e alunas a coragem de buscar o senso humanitário em suas próprias raízes culturais e produzir palavras, imagens e significados originais e transformadores.

## COMUNICAÇÃO OU COMUNHÃO

Comunicar é tornar comum, comungar é tomar parte. De acordo com Octávio Paz, comunhão só é possível em poesia pois o significado está muitas vezes nos vazios entre as palavras. Desta forma, a poesia diz aquilo que a conversação não consegue dizer. Mas para Cremilda Medina (1991, p. 199) é possível produzir poesia na comunicação e assim transformá-la em comunhão. Para a autora é necessário dar uma injeção de humanismo na comunicação e ter como ideal a metamorfose da comunicação em comunhão. Assim o trabalhador de mídia deve nutrir o desejo sincero de ser o poeta de seu tempo.

Infelizmente nos encontramos a vários anos-luz desse ideal. Com as novas tecnologias de comunicação tudo parece tornar-se comum a todos, mas a comunhão parece estar cada vez mais distante. Com a ajuda de potentes satélites a televisão brasileira cobre o vasto território de Norte a Sul. Tem-se conhecimento do que ocorre aqui e em todo o planeta em questão de segundos. Durante a guerra do Golfo não se falou em outra coisa. Os problemas do dia-a-dia foram momentaneamente esquecidos. Não só a mídia dançou solta em Belíndia mas também dançou a cabeça de muita gente, que chegou até mesmo a comprar máscaras de gases contra a guerra química que ocorreria do outro lado do globo. Esta é uma prova contundente de que houve comunicação e não comunhão.

Novas tecnologias podem até amplificar a comunicação de via única. Mas a ênfase tem sido na tecnologia e não no conteúdo (Cardoso 1991, p. 12). De fato, pouco se faz para partilhar de nossos valores culturais, tais como a herança milenar indígena, as tradições afro-brasileiras do Nordeste, as colonizações japonesa, italiana e alemã aliadas à rica influência gaúcha do Sul do país. E muito menos tem sido feito para mobilizar a sociedade contra o crescimento constante da ignorância, miséria, fome e doença. Ao invés de se promover a comunhão entre as pessoas

para dar um basta no pagamento da dívida externa, que tira da boca dos miseráveis para causar obesidade nos mais ricos, e resolver de uma vez por todas o câncer social da concentração de renda, nossa mídia dança no ritmo do consumo desvairado.

A cantilena que se repete ad infinitum diz que para ser feliz é preciso consumir, e de preferência, a moda de fora. Em suma, a cultura nossa, a nossa cara, vai aos poucos sofrendo uma metamorfose cruel, e tal como Michael Jackson, fica cada vez mais esbranquiçada, macilenta, sem vigor.

Recentes inovações na área da comunicação e da informática potencializam a sedução do moderno, mesmo que este traga no seu bojo um processo antigo, ou seja, a dominação tecnológica. De fato, se houve alguma mudança na nossa condição de dependentes e subdesenvolvidos, não foi para melhor. Em geral, a humanidade se polariza cada vez mais entre os dominados, a grande maioria, e uns poucos dominadores, que detêm o poder através, tanto da força quanto do conhecimento. O predomínio de uma visão de mundo linear, mecanicista e patriarcal tem enfatizado a conquista, o domínio e a exploração. Dentro desta cosmologia a natureza é usada e violentada como se fosse infinitamente renovável - e no processo o homem massacra seus semelhantes com uma crueldade cada vez mais refinada.

Em 1900, aproximadamente um terço da espécie vivia nos países industrializados do Norte. Hoje esta proporção caiu para apenas um quinto (Hobsbawn 1990, p. 18). Trabalhadores peruanos (que têm a sorte de ganhar o salário mínimo) trabalham atualmente sete vezes mais para comprar a mesma quantidade de comida que compravam em 1981. Da mesma forma os assalariados brasileiros tem que labutar quatro vezes mais hoje do que em 1959, apenas para subsistir (George 1989, p. 9). O sacrifício desses trabalhadores contribui para pagar juros da dívida externa do Terceiro Mundo, que está por volta de US\$1,085 trilhões ("Fuga de capitais" 1987, p. 22), grande parte dela contraída para importar tecnologia avançada

para os ricos. Dados de pesquisa mostram que há um elo entre o decréscimo da expectativa de vida no Terceiro Mundo e o pagamento da dívida. "Cada US\$10 de juros pagos por ano por pessoa significam 142 dias a menos de vida média, do que se a expectativa tivesse continuado a crescer no ritmo que estava antes da crise da dívida" (George 1989, p. 9).

Ao invés dos sistemas avançados de comunicação tentarem promover alguma forma de comunhão, ocorre o oposto. A medida que a mídia de massa se alastra, parece que mais aumenta a distância entre pobres e ricos, desenvolvidos e subdesenvolvidos. Esta situação foi expressa com clareza por um correspondente brasileiro em Nova Iorque enquanto visitava o Brasil recentemente. Nas palavras carregadas de sarcasmo de Paulo Francis (1992, p. 22) há um fundo de verdade:

Nos dez dias em que estive aí (Brasil) sempre que lia em jornal ou via em televisão algo externo parecia emissão do planeta Marte, ou seja, nada que tivesse a mais ínfima relação com nosso baixo astral de epidemia de cólera, o problema dos aposentados, os apetites sexuais de Medeiros, o abono de 21 mil pratas: sim, amigo, aí já é o Quarto Mundo.

Ironicamente, o salário deste jornalista, assim como os juros de US\$11 bilhões (Belluzo 1991, p. 4) que o Brasil pagará este ano aos bancos norte-americanos saem daqui, do "Quarto Mundo". Enquanto seu sustento se encontra aqui, ele tem demonstrado visível deslumbramento pelas coisas de lá.

Observações realizadas por Cremilda Medina (1991, p. 206) apontam para o efeito mistificador das novas tecnologias, do pós-moderno e da chamada era pós-história. De acordo com Medina, tal impacto parece ser tão significativo que os trabalhadores de mídia no Brasil se encontram perplexos e impotentes para fazer com que sejamos ouvidos pelo "clube de credores". Em outras palavras, quanto maior a sofisticação tecnológica maior a alienação e menor o engajamento com as coisas daqui.

Porém eles, assim como o Paulo Francis, cursaram nossas escolas de comunicação. Será que nosso ensino da comunicação direta ou indiretamente reforça uma visão linear e mecanicista de mundo que leva a idolatria do moderno? Seria possível mudar tal tendência e resgatar nossa cultura, enfatizando o engajamento e a auto-estima cultural, formando poetas ao invés de papagaios, colocando a comunhão como condição de comunicação?

A ênfase exagerada numa cosmovisão racional e mecanicista dentro desta sociedade patriarcal, assim como o namoro com a modernização tem nos custado caro. A modernização perniciosa à qual temos sido historicamente submetidos precisa ser desmascarada para podermos então criar um novo modelo que, ao contrário de Michael Jackson, tenha mais a nossa cara, e menos a dos outros.

### MODERNIZAÇÃO PERVERSA

A paixão pela modernização desvairada não começou com os militares, mas foi tremendamente acirrada durante a ditadura. Teve vários efeitos perversos e entre eles analisaremos os seguintes: (a) o colapso da educação auxiliado pelos convênios com o exterior; (b) a compra de tecnologia avançada, que serviu para engordar a dívida externa, mas não para melhorar as condições de vida do brasileiro; e (c) a aceleração da concentração de renda.

Em janeiro deste ano Luiza Eluf, promotora de justiça, fez um relato dramático na Folha de São Paulo sobre a invasão do colégio estadual onde ela estudava em 1968. O colégio possuía professores cultos, exigentes e dedicados. Além disto oferecia laboratório, biblioteca e quadra esportiva. Mas num dia de agosto de 1968 o local foi invadido por militares que gritavam ser aquilo uma escola comunista. Deixaram apenas destroços. Portas foram arrombadas, vidros quebrados, lousas despedaçadas e carteiras

arruinadas. Sobre o que restou da mesa da professora havia excrementos humanos e até a quadra de esportes foi seriamente danificada. Membros do corpo docente foram presos e desapareceram. A dolorosa experiência passou a simbolizar para Eluf o fim do Brasil. A inteligência foi destruída sendo colocado em seu lugar a violência e o terror (como veremos mais à frente, a inteligência foi também substituída por sistemas televisivos sofisticados). Para ela, a pá de cal foi colocada pelo convênio MEC/USAID para a "modernização" do sistema educacional. "Tudo para evitar que as pessoas pensassem politicamente e, portanto, pensassem" (Eluf 1992, p. 1-3).

Em 1971, com a mesma finalidade de "modernizar" a educação básica, foram tomados empréstimos do Banco Mundial US\$102 milhões (equivalente a 102 Ciacs). Até agora já foram pagos juros de US\$48 milhões, mais US\$41,6 milhões de devolução do empréstimo e o país ainda deve US\$60,4 milhões. A tal montante devem-se adicionar US\$217,3 milhões em recursos próprios que deveriam ser usados em parceria com o Banco Mundial, por exigência contratual. Em resumo, para receber US\$102 milhões o Brasil pagou três vezes mais, US\$306,9 milhões, e ainda deve US\$60,4 milhões. Mesmo assim os resultados práticos dessa aberração matemática não atingiram os objetivos. Os poucos resultados ficaram restritos a uma escola ou região, durante um tempo limitado. E do ponto de vista da capacitação técnica, os conhecimentos obtidos nunca foram sistematizados (Bonassa 1992, p. 1-4).

Na época havia um decreto dos militares que dava prioridade para projetos que atraíssem dinheiro de fora. Daí o grande interesse em firmar convênios externos (Bonassa 1992). A conta está sendo paga até hoje mas o dinheiro conseguido através do empréstimo era desnecessário. O país poderia ter utilizado parcimoniosamente os recursos próprios, que desperdiçou naquela transação, para desenvolver programas nacionais de educação, mais apropriados para a rede de ensino já existente. O dinheiro

desapareceu mas a situação continuou a se deteriorar e atualmente o total de analfabetos e semi-analfabetos chega a atingir a alarmante cifra de 60 por cento da população (Jaguaribe et. allii. 1989, p. 18).

À medida que desarticulavam o sistema educacional através de convênios esdrúxulos, os militares, durante seus 20 anos de ditadura “modernizavam” o país através do uso maciço de novas tecnologias. Os generais acreditavam nas vantagens geopolíticas de unificar tanto o território quanto o povo. Para atingir seus objetivos foram utilizados sinais de televisão retransmitidos por torres de microondas. Porém, no final do governo militar as torres foram substituídas por dois satélites canadenses e hoje a televisão atinge 99 por cento do território nacional (Novaes et. allii.. 1991, p. 309).

A decisão de lançar os satélites foi feita em 1982, o mesmo ano em que o Brasil mandou US\$18 bilhões para os bancos norte-americanos afim de pagar juros da dívida externa (Furtado 1982, p. 63). Como resultado, o país experimentou um forte declínio na atividade econômica, que além de causar inflação, acelerou a concentração de renda. Mas seduzidos pelo charme da tecnologia espacial, os militares prosseguiram com o projeto, que deveria tirar mais US\$210 milhões dos bolsos já vazios dos pobres brasileiros.

O sacrifício se justificava, diziam os generais, porque a tecnologia serviria para finalidades educativas, saúde, agricultura e telefonia rural. Seria utilizada para integrar áreas rurais remotas com o resto do Brasil. Infelizmente esta nobre retórica não se materializou. Ao invés disto, os satélites ficaram subutilizados por muito tempo e o impacto que tiveram no desenvolvimento econômico foi mínimo. De acordo com dados oficiais (provavelmente inflados), no final de 1987, 20 dos 24 transponders num dos satélites estavam em uso; mas nenhuma no outro. Mais ainda, de todos os transponders utilizados, nenhum era para objetivos educacionais. Esta situação pode ser sumarizada nas palavras de McAnany (1989):

Como aconteceu na Índia, Indonésia e no México, houve muita fanfarrinha sobre os benefícios sociais durante os estágios de planejamento, mas na prática os maiores beneficiários da tecnologia tem sido a televisão comercial, os usuários de telefones urbanos e grandes empresas nacionais e transnacionais. A razão deste fracasso é que a estrutura de poder de determinados países não é mudada mas reforçada pela adição de novas tecnologias (p. 8).

O modelo imposto pelos militares tinha um caráter fortemente anti-social. A abordagem dos generais pode ser visualizada como o reverso do ideal de "Robin Hood", ou seja, eles tiraram dos pobres para dar para os ricos. Entre 1960 e 1980, os 10 por cento mais ricos da sociedade brasileira aumentaram sua renda de 39,6 para 50,9 por cento do total, enquanto que a metade mais pobre viu sua participação cair de 17,4 para 12,6 (Suplicy 1987, p. A-22). Os militares deixaram o poder mas a forte tendência concentradora persiste. Em 1989 os 10 por cento mais ricos chegaram a deter 53,2 por cento da renda total enquanto os 50 por cento mais pobres ficaram com apenas 10,4 por cento do bolo (Lobato e Filho 1991, p. 1-10).

Em suma, o tripé "modernizador" dos militares, ou seja, a deseducação dos brasileiros, televisão via satélite e concentração de renda, adquiriram sinergia própria de efeitos devastadores.

## MÍDIA, EDUCAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Através do uso contínuo da televisão, os mesmos políticos, que eram antes impostos pela ditadura, são agora "livremente" eleitos pelo povo. Por exemplo, o homem que projetou o modelo concentrador de renda, Delfim Netto, é hoje um deputado federal.

Enquanto 65 por cento dos trabalhadores brasileiros ganham menos que US\$50 por mês (Jaguaribe 1989, p. 17), o

salário médio de um deputado estadual no Rio de Janeiro é US\$300 por dia (Boechat 1991, p. C-1). Os oito por cento mais abastados da população se responsabilizam por 62 por cento do consumo total de bens e serviços ("Os números" 1984, p. 96). E dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que enquanto apenas 57,2 por cento dos domicílios possui filtro, 73,7 têm aparelhos de televisão (Lobato e Filho 1991, p. 1-10).

A televisão representa no Brasil o entretenimento mais barato, pois depois de instalada, praticamente o único gasto adicional é a conta de luz. O conteúdo é fornecido "gratuitamente" por uma das quatro redes (Globo, SBT, Manchete ou Bandeirantes). Segundo as pesquisas de Van Tilburg (1990) a classe trabalhadora brasileira, à medida que se achata seu salário, perde opções de lazer, ficando literalmente a mercê da televisão. Depois de um dia de trabalho na fábrica, na construção civil, no campo ou na área de serviços, o trabalhador chega em casa exausto e automaticamente liga sua televisão em busca de lazer. Nestas circunstâncias ele não tem escolha, pois há pouco que possa fazer para se divertir com o que ganha. Nem se pode afirmar que a seleção de canais poderá trazer uma diversidade significativa. Durante grande parte do horário nobre (6:00-10:00 p.m.) ele estará exposto às telenovelas e a propaganda comercial. Ambos mostrando estilos de vida totalmente alheios a realidade do trabalhador, pois só dez por cento da força de trabalho brasileira ganha mais que US\$200 por mês e apenas um e meio por cento acima de US\$600 (Jaguaribe et alii 1989, pp. 17-18).

Pesquisas recentes indicam que educação e televisão se relacionam inversamente (Oliveira 1989). O grau de escolaridade parece ter influência significativa no tipo de meio utilizado para informação. Setenta e seis por cento das pessoas com até o segundo grau de instrução utilizaram a televisão como principal fonte de informação sobre as eleições presidenciais de 1989. Tal percentagem caiu para 57 por cento entre aqueles que possuíam o nível superior. O inverso ocorreu com jornais onde as porcentagens

respectivas foram 11 e 31 por cento (Sá 1989, p. B-8). Quanto menor a escolaridade maior tende a ser a utilização da televisão e menor o nível de leitura de jornais. Em suma, podemos afirmar que a grande massa de analfabetos ou semianalfabetos está sendo "educada" pela televisão.

Mesmo entre aqueles que conseguem chegar à escola, relativamente poucos continuam estudando. Hoje, de cada 100 crianças que entram no primário apenas 21 prosseguem até o secundário, e só 6 alcançam a universidade ("País expulsa" 1991, p. 1-8). Mas nem todos estes terminam. Por exemplo, na USP o nível de evasão é de 44 por cento, portanto se estes seis tivessem entrado naquela universidade, no máximo quatro terminariam o curso (Ourique 1991, p. 1-6).

Podemos assim caracterizar nossos estudantes universitários como uma parcela super-privilegiada da população. E para que toda a nossa discussão tenha sentido é preciso partir da premissa de que esta minoria privilegiada possa vir um dia dar-se conta de sua responsabilidade social. Precisamos acreditar neste pressuposto para que permaneçamos no Brasil ao invés de fazer as malas e partir rumo ao chamado Primeiro Mundo, como fizeram tantos outros.

Estima-se em US\$60 bilhões o custo da transferência anual de "cérebros" do Terceiro Mundo para o Primeiro ("Evasão..." 1992, p. 14). Ao mudar-se do Brasil para a França, em novembro do ano passado, Leite Lopes, um dos mais importantes físicos do país, disse que caminhamos para o "último lugar" do Terceiro Mundo. Ele acabava de ser convidado para dar cursos avançados e orientar teses na Universidade Louis Pasteur, em Estrasburgo. Antes de sair manifestou decepção com o Brasil e fez um diagnóstico sombrio. "(Estou decepcionado) com a crise moral que assola o país. Uma epidemia de corrupção. A falta de educação se alastra como uma peste. As crianças morrem de fome (Torres 1991, p. 7-7).

Mas nós optamos por ficar aqui. Se quisermos, e se trabalharmos duro, acredito que poderemos despertar, não só dentro de nós mesmos, mas também no âmago de nossos estudantes, uma vontade transformadora. Ao invés de zombar de sua própria cultura o profissional da comunicação poderá transformar-se em elemento significativo de mudança, através de comunhão com suas raízes.

Os recém-formados em comunicação fazem parte dos quatro por cento duma nata intelectual. Caso consigam emprego na mídia brasileira terão direta ou indiretamente uma certa influência no que os demais 96 por cento da população vêem na televisão, escutam no rádio ou lêem em jornais e revistas.

Aqueles que não quiserem trabalhar na mídia poderão juntar-se aos movimentos de comunicação alternativa e de resistência cultural. Para isto é preciso urgentemente preparar homens e mulheres interessados em lutar pela existência de um futuro melhor para a humanidade. É necessário substituir o pensamento linear por uma cosmovisão integradora, substituir a divisão e dominação por sentimentos de doação, de partilha, de amor. Enfim, há que mudar tudo.

A dança da mídia deverá acompanhar tons mais parecidos conosco, com o Brasil das origens. Ao invés de rock, deveremos tocar samba, e a idolatria à Bélgica deverá ser substituída pelo amor a Índia que trazemos dentro de nós.

## SONHO VERSUS REALIDADE

Embora possamos teorizar a respeito da necessidade de mudanças rápidas, as transformações necessárias para a salvação não só dos oprimidos, mas de toda a espécie humana, estão vindo a passos de tartaruga. A realidade no mundo da mídia é patriarcal, dominadora e sedenta de poder. Em estudo recente, Eduardo

Meditisch (1991, p. 179) explicitou os mecanismos de pressão usados pelos donos do poder. A grande contradição que nossos recém-formados encontram é a de um mercado de trabalho monopolizado que exige, por um lado, criatividade e senso crítico, e por outro submissão. Os grandes monopólios que controlam a comunicação no país (hoje nas mãos de apenas nove famílias) são eles próprios incapazes de produzir os itens que colocam à venda. Daí contratarem alguém que produza seus bens simbólicos ou as notícias que distribuirão para o mercado brasileiro. Desejam criatividade e senso crítico, desde que estes “não se voltem contra eles -monopólios- e suas formas de dominação” (Meditisch 1991, p. 179). Para isto os empresários utilizam de meios que variam da cooptação à repressão e perseguição. O ideal da empresa passa a ser o “senso crítico subjogado”.

Caso as universidades adotem a lógica da fábrica, correm o sério risco de “não produzirem senso crítico algum e se tornarem imprestáveis até mesmo para os monopólios” (Meditisch 1991, p. 179). E de acordo com Marcondes Filho (1991, p. 1-6), o acoplamento da universidade com o setor produtivo representa a anulação do menos poderoso: a universidade torna-se extensão do setor de treinamento de pessoal da fábrica. Esta opinião reproduz a crítica de Bloom com relação às próprias universidades norte-americanas.

Mas insistimos em copiar. Os modelos de ensino da comunicação adotados na América Latina tiveram influência marcante do Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL). Este Centro foi fundado na década de 60 em Quito, financiado pela UNESCO, Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo próprio governo do Equador. O CIESPAL foi basicamente uma idéia norte-americana que visava à criação de mão de obra para a mídia, que por sua vez atenderia as necessidades da indústria transnacional na América Latina. Em síntese, o centro ajudaria na formação de técnicos de comunicação que promoveriam o consumo de bens industrializados.

O CIESPAL ficou conhecido como um agente do pensamento hegemônico norte-americano (Marques de Melo 1990, pp. 1-4). Mesmo assim, Javier Esteinou Madrid apontou algumas vantagens do Centro, tais como, servia como ponto de ligação entre os pesquisadores latino-americanos, difundia publicações relevantes e formou uma memória das pesquisas em comunicação na América Latina (Marques de Melo 1990, p. 3).

Embora tenha promovido a pesquisa na área da comunicação, o papel do CIESPAL tem sido acidamente criticado com tendo "... um objetivo político manipulatório... que reduz a prática humana ao mesmo nível da atividade inconsciente das máquinas e dos animais" (Meditisch 1991, p. 176). A concepção de ensino promovida por tal órgão privilegiava sobremaneira o planejamento e execução em detrimento da REFLEXÃO. E como seria de se esperar, o impacto do CIESPAL na mudança do relacionamento dominador-dominando, se houve, foi para beneficiar o dominador. A tecnologia do dominador foi adotada acriticamente e os resultados podem ser resumidos pelas palavras de Medina (1988, p. 139):

A dependência cultural ao Primeiro Mundo e a corrida de atualização trazem consigo aparência de modernidade. Um pouco como o velho ditado popular: ouviu-se cantar o galo, mas não se sabe bem onde.... Fazem parte deste transplante práticas e teorias que supervalorizam a embalagem em detrimento dos conteúdos profundos.

Acredito que esta não é só a condição do ensino da comunicação mas da universidade como um todo. Será que não estamos supervalorizando a embalagem "em detrimento dos conteúdos profundos"?

A cópia de modelos vindos de fora não nos poderá satisfazer de modo algum. Em primeiro lugar, o que foi criado pelo chamado "clubes de credores" não serve nem mesmo para eles, como demonstrado por Bloom e amplamente discutido por Capra.

E em segundo, a nossa realidade tem muito pouco a ver com o que ocorre por lá. Nas universidades brasileiras os "conteúdos profundos" passam pela reflexão sobre nossa dependência cultural e tecnológica que acirra as desigualdades sociais.

É preciso reavivar nosso interesse pelo pensamento crítico e pelo estudo da comunicação popular e alternativa. De fato, é uma área que oferecerá escassa remuneração material a nossos alunos, mas que em contrapartida possibilita alguma esperança num relacionamento mais humano, mais justo, não só entre os homens mas entre eles e a natureza. Enfim, poderá assegurar-nos a existência de futuro. Caso contrário, devemos questionar a própria continuidade da espécie.

A crítica radical teve seus momentos de maior glória durante a opressão militar que dominava o continente sul-americano na década de 70. O pensamento crítico adquiriu força especial devido ao trabalho de Armand Mattelart, que na época liderava um grupo de estudos composto por Hector Schmucler, Hugo Assmann, Michele Mattelart e Ariel Dorfman. Seus trabalhos utilizavam conceitos e categorias de análise da sociologia marxista. Destarte, ideologia, relações de poder e conflito de classes passaram a orientar grande parte das pesquisas de comunicação realizadas na América Latina. Fenômenos da comunicação popular, antes olvidados pelo CIESPAL, foram então incorporados nos estudos de Mattelart e seu grupo. Outro grupo de grande influência foi o de Antonio Pasquali, Hector Majica, Eleazar Diaz Rangel e Luiz Aníbal Gomez, que resgatou as reflexões críticas da Escola de Frankfurt. As investigações deste grupo se auto-denominaram de "investigação-denúncia", devido a uma percepção de quase impotência ante os monopólios da comunicação (Marques de Melo 1990, p. 4).

Uma linha mais otimista, mas nem por isto menos crítica e radical, pode ser encontrada nos estudos de Paulo Freire, que "constituem um vigoroso desafio intelectual àqueles que tem um compromisso com a libertação do homem" (Lima 1981, p. 129). Freire acredita que apesar das adversidades e opressões, o ser

humano conseguirá um dia ser livre. Mesmo podendo ser considerado utópico, a utopia de Freire é revolucionária, pois ela se recusa a aceitar o "status quo". Muito pelo contrário, Freire propõe questionamento, reavaliação constante, e busca do possível e justo, em oposição a cumplicidade com o sistema dominante (Lima 1981, p. 129).

Tal cumplicidade levaria ao que Freire chama de "morte em vida", que é "a vida proibida de ser vida" (Freire 1979, p. 201). E para que a existência possa se manifestar plenamente em todas as camadas sociais faz-se necessária uma ação dialógica que exija **comunhão** com as massas populares. Esta ação passa então a gerar transformações verdadeiramente revolucionárias, modificações que primam por sua natureza humanística, isto é, "simpática, amorosa, comunicante, humilde, para ser libertadora" (Freire 1979, p. 201). O conceito de comunhão em Freire se baseia em humildade e na capacidade de amar, para que possa ocorrer a verdadeira identificação com o povo oprimido. No meu entender, esta identificação com a cultura dos oprimidos levará então o nosso trabalhador de mídia a buscar o ideal, ou seja, gradualmente transformar-se no poeta de seu tempo.

Paulo Freire considera Guimarães Rosa um exemplo genial do escritor que capta fielmente a sintaxe do povo das Gerais "a estrutura de seu pensamento" (Freire 1979, p. 123). A forma com que as pessoas constroem seu pensamento, suas expressões, as palavras, sua linguagem, sua maneira de interagir estão ancoradas no seu contexto cultural que deve ser entendido pelo profissional da comunicação. Deve primeiro ouvir, dialogar e depois então produzir comunicação em forma de comunhão, onde ele e o outro se confundem num só. Enfim, têm um objetivo único, a redenção do sofrimento humano.

Luiz Roberto Alves (1991, p. 215) apresenta um exemplo emocionante da criatividade popular quando descreve a rádio peão. Tal "rádio" nada mais é do que um sistema interpessoal de

comunicação onde os participantes produzem um volume imenso de informações sobre temas de interesse da comunidade de trabalhadores do ABC paulista. Os assuntos versam sobre relações de trabalho, saúde, moradia, etc. Para Alves isto indica que, apesar da opressão dos meios massivos, ainda existe espaço para a comunicação popular, criativa e possivelmente libertadora. Mais ainda, Alves (1991, p. 216) destaca que o papel das mulheres nestes movimentos tem crescido de tal forma que a participação feminina é agora irreversível e indispensável. Estas verificações dão sustentação às visões de Capra, Lash e Muraro, discutidas no início deste trabalho.

Os movimentos populares no ABC paulista, a criação de líderes locais e nacionais, e seus meios de comunicação alternativa, assim como a participação feminina, apresentam uma esperança para a prática da comunhão. Acredito que ali se encontra um laboratório fértil para a formação de profissionais engajados com sua realidade cultural. Aulas práticas com os líderes de movimentos populares e com trabalhadores da mídia sindical podem oferecer opções saudáveis para nossos estudantes.

Enquanto isto, a nível profissional, é também necessário descobrir brechas para que os profissionais da comunicação possam apreender com suas bases culturais e reforçar conteúdos originais. Os produtores de significado de nossa comunicação de massa são agentes culturais e como tal poderão estar a serviço da dominação ou da libertação dos seres humanos. Serão os guardiões conservadores do pensamento lógico, do patriarcado e da modernização perversa ou poetas revolucionários a comunicar uma nova cosmovisão, a da unidade entre os seres humanos, e destes com o universo.

A escolha pela poesia e pelo amor se faz necessária e urgente. Pois, caso persista a sedução do moderno neste baile de dependência e dominação cultural, não haverá futuro nem no Terceiro nem no Primeiro, nem em nenhum dos Mundos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. (1991). When the objects of history look for the condition of subjects (A memory of fight in the Brazilian popular culture). In Marques de Melo, **Communication and Democracy**, pp. 207-217. São Paulo: ECA/USP.
- BELLUZO, L. G. M. (1991). **O Brasil sempre paga**. Isto É Senhor. São Paulo, 17 jul, pp. 3-5.
- BLOOM, A. (1989). **O declínio da cultura ocidental**. São Paulo: Best Seller.
- BOECHAT, C. (1991). **Cinco meses de mandato milionário**. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 jul, p. C-1.
- BONASSA, E. (1992). **Brasil paga caro e desperdiça verbas do Bird para educação**. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 jan, p. 1-4.
- CAPRA, F. (1988). **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix.
- CARDOSO, O. O. (1991). **Os paradigmas no ensino da comunicação: a transgressão epistemológica**. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo Ano X, Nº 17, (ago):09-32.
- ELUF, L. (1992). **Os cérebros do Brasil**. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 03 jan, p. 1-3.
- Evasão de 'cérebros'** (1992). *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 26 jan, p. 14.
- FRANCIS, P. (1992) **Diário da corte**. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 06 jan, p. 22.
- FREIRE, P. (1979) **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Fuga de capitais do 3º. Mundo chegou a US\$300 bi de 75 a 85**. (1987). *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 06 set, p. 22.
- FURTADO, C. (1982). **A nova dependência**. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- GEORGE, S. (1989). **Misery for the masses**. *Media Development*. London, XXXVI (1): 9.

- HOBBSAWN, E. (1990). **Lost Horizons**. *Newstetaman & Society*, London, 3 (sep): 16-18.
- Inércia no setor público emperra USP (1991). *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 out, p. 1-6
- JAGUARIBE, H. et. alii (1989). **Brasil: reforma ou caos**. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- LASCH, C. (1986). **O mínimo eu**. São Paulo: Brasiliense.
- LIMA, V. A. (1984). **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro. Paz & Terra.
- LOBATO, E. e Filho, A. (1991). Aumenta a concentração de renda no país. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 22 nov, p. 1-10.
- MARCONDES Filho, C. (1991). A integração com empresas pode ser prejudicial à universidade? *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 out, p. 1-6.
- MARQUES de Melo, J. (1990). Tendência de los centros latino-americanos de investigación de la comunicación. Trabalho apresentado no congresso da International Association for Mass Communication Research (IAMCR). Bled, Yugoslávia, 26-31 ago.
- MCKIBBEN, B. (1990). **O fim da natureza**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MEDINA, C. (1988). **Notícia: um produto a venda**. São Paulo: Summus.
- MEDINA, C. (1991). The journalist as a cultural reader. In Marques de Melo, **Communication and democracy**, pp. 195-206. São Paulo: ECA/USP.
- MEDITSCH, E. (1991). Jornalismo, ensino e conhecimento. In Marques de Melo, J. e Carvalho, M. **Anuário de inovações em comunicação e artes 1991**, pp . 167-182. São Paulo: ECA/USP.

- MURARO, R. M. (1991). **Seis meses em que fui homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- NOVAES, A. et. alii (1991). **Rede imaginaria: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras.
- OLIVEIRA, O. S. (1989). Padrões de consumo norte-americanos na mídia brasileira: implicações socioculturais. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Nº 16, pp. 33-46.
- OLIVEIRA, O. S. (1990). The image of the poor as the enemy. Trabalho apresentado no congresso da International Peace Research Association. Groningen, Holanda. 3-7 jul.
- Os números sombrios (1984). **Veja**. Rio de Janeiro, 3 out, pp. 96-100.
- OURIQUE, A. (1991). **Racionalização é o objetivo**. Folha de São Paulo. São Paulo, 14 out, p. 1-6.
- País expulsa três milhões da escola por ano** (1991). São Paulo, 11 set, p. 1-8.
- SÁ, N. (1989). **Eleitorado se informa sobre eleição na TV**. Folha de São Paulo. São Paulo, 27 ago.
- SUPLICY, E. (1987). **Brasil, campeão de desigualdades**. Folha de São Paulo. São Paulo, 1 jun, p. A-22.
- TORRES, S. (1991). **Leite Lopes sai do país e põe culpa no atraso**. Folha de São Paulo. São Paulo, 01 nov, p. 7-7.
- VAN Tilburg, J. L. (1990). **A televisão e o mundo do trabalho**. São Paulo: Paulinas.